

**MONTANDO O JARDIM DE DJANIRA - A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS  
EXPRESSIVOS NA TERAPIA CENTRADA NA PESSOA DE IDADE AVANÇADA**

Maria Lúcia Duarte Geloski<sup>1</sup>

“O que às vezes é bonito no outono  
é quando amanhece  
após uma semana de chuva,  
de vento e neve  
e que todo o espaço, brutalmente,  
parece se inundar de sol.”

Victor-Lévy Beaulieu

Das estações do ano, a que mais manifesta vida, é, sem dúvida, a primavera e foi dentro desse espírito que iniciei o meu trabalho com Djanira, que acabava de completar noventa e quatro anos. Como começar a trabalhar com uma pessoa em idade tão avançada que estava em depressão pela perda de um de seus filhos? Essa era a pergunta que eu me fazia diante de tão grande desafio.

Procurada por um de seus filhos, já sabia que as condições para o atendimento de minha cliente teriam de ser de forma domiciliar em razão de sua limitação física. Djanira só andava com o auxílio de enfermeiras devido ao enfraquecimento de suas pernas e fazia muito pouco uso da cadeira de rodas, que, segundo ela, a restringia no espaço.

Meu primeiro encontro com Djanira se deu no dia vinte e três de setembro, exatamente quando o calendário de 2002 abria seu espaço para a brotação das flores.

Ao entrar na sala cuidadosamente decorada, percebi que alguém me esperava sentada numa poltrona, que mais tarde fui saber, teria sido uma criação de um de seus filhos, para facilitar-lhe o conforto. Seus olhos profundos e azuis encararam-me indagando sobre a minha

---

<sup>1</sup>Mestre em Psicologia - Psicóloga Clínica

presença ali. Apresentei-me e em minha forte impressão diante dela, não havia como reconhecer outra atitude em mim, a não ser a de uma empatia fácil e um genuíno desejo de entrar naquele universo que inspirava experiência e respeito.

Para Feldman (2004), o encontro se dá quando uma pessoa se coloca diante de outra e o movimento de ambas aponta para uma mesma direção. Encontrar uma pessoa é ficar frente a frente com ela, na busca de conhecê-la, percebe-la e descobri-la. Era em busca desta sintonia profunda de estar com o outro apontada por Feldman, que eu me aproximei de Djanira.

Com pantufas de veludo para não invadir seu santuário interno, iniciei o meu encontro com Djanira, apresentando-lhe a minha proposta de trabalho e perguntei-lhe se gostaria de estar comigo, para juntas montarmos o seu jardim, já que estávamos começando o nosso encontro no primeiro dia da primavera. Ela sorriu-me dizendo que sim e assim, diante das três gravuras de flores, das quais ela deveria escolher uma para iniciar a montagem do seu jardim, ela escolheu exatamente a que mais representava a vida, tanto na forma totalmente aberta, quanto na cor vermelha.

Para Urrutigaray (2006) “a intensidade da cor de acordo com os critérios de tonalidade, claridade e saturação imprime a vibração ou a frequência natural dos nossos estados psíquicos”. Diz-nos a autora que “as cores possuem fortes propriedades expressivas e estão relacionadas aos estados emocionais que se encontram nos receptores”. Dentro de uma conotação arquetípica, acrescenta a autora, a cor vermelha significa universalmente o símbolo fundamental do princípio da vida.

Inicialmente essa sua escolha foi para mim uma surpresa, pois em razão da queixa de depressão trazida pelos filhos, eu esperava que ela escolhesse a gravura de fundo negro com uma flor miúda que transmitia uma tonalidade sombria. Mas, ao contrário, ao escolher a flor mais viva, ela já estava me fazendo ver que, apesar do seu sofrimento pela perda do filho, ela continuava viva. Continuando o diálogo com ela, perguntei-lhe do que aquela flor precisava e ela respondeu-me: “ela precisa de luz, senão ela entorta”. Sua resposta veio a confirmar o seu desejo de buscar ajuda para não murchar diante da dor.

E assim o “Jardim de Djanira” começou a ser tecido. A cada encontro ela se trazia, falando de suas experiências, suas crenças, seus valores, seus anseios, seus encantos e desencantos.

Trabalhando em parceria com ela, eu buscava ir ao encontro do que ela desejava trazer para seu jardim. E assim fomos reencontrando os seus poemas, as suas cantigas de roda, as suas tapeçarias, suas lembranças de infância, sua família, sua vida na roça, sua luta como mulher e mãe.

O processo terapêutico de Djanira se deu durante um ano e oito meses com um encontro semanal de sessenta minutos. Desde o início de nossos encontros ficou evidente o fato de que o seu estado de depressão era ocasional em razão da morte de um de seus filhos. Seus traços de personalidade expressos através da vivacidade intelectual, interesse por si e pelos outros, maturidade emocional, aliados a um ambiente favorável (família e recursos) ajudaram-na a encarar, de forma mais realista, a perda de seu filho.

Em pouco tempo, minha preocupação inicial foi se dissipando e fomos entrando no universo de Djanira de forma natural, permitindo a ela a liberdade de expressão dos seus sentimentos, falando de suas experiências, tanto passadas, quanto presentes. O registro dos acontecimentos à sua volta mostrava que suas funções cognitivas permaneciam intactas, tanto a memória recente quanto a remota não se apresentavam prejudicadas. Lembrava do passado e do presente com riqueza de dados e observações detalhadas.

Como recurso para Djanira falar de si, sem perceber que o estava fazendo, fizemos uso de recursos expressivos como literatura, música, desenho, pintura, para que ela pudesse trazer à tona seus estados psíquicos.

Citando Fernandes (2003, p.254), temos que:

A arte, em suas cores e sons, melodias, ritmos, usando seus materiais sensoriais, descobrindo e obedecendo às leis imanentes a cada material e usando suas possibilidades de composição e expressão, cria um mundo de criação universal, religando o sentido à sua origem.

Para Jordão (1999), o contato com materiais de possibilidade criativa pode reavivar no indivíduo o seu sentido existencial.

A arte, sem dúvida, nos remete a toda uma gama de significados intrincados e nos ajuda a compreender as formas de expressão humana em suas sutilezas emocionais. Ela leva o ser humano a se expressar e a perceber sua forma de vida e o meio que o circunda. Diz-nos Fernandes (2003) que além de possuir uma função social, a arte possui uma função terapêutica e a arte-terapia faz a ligação entre o fazer arte e o fazer terapêutico.

Em razão da dificuldade motora de Djanira que limitava a sua auto-expressão gráfica, optamos por fazer uso dos recursos da tecnologia, escolhendo figuras, gravuras e formas nos arquivos fotográficos do computador que expressavam as suas experiências. Este

material era posteriormente levado a ela, para que escolhesse quais desejava que fizessem parte do seu Jardim e ilustrassem os relatos que revelavam a história de sua vida.

Sendo uma pessoa com um excelente grau de participação, expressa em sua articulação com a nossa proposta de trabalho, os recursos expressivos facilitavam muito a projeção de seus conteúdos psíquicos.

Alguns fragmentos dos relatos de Djanira foram bastante elucidativos de seu estado psicológico e nos ajudaram a acompanhar o desenrolar do seu processo terapêutico.

Sendo uma pessoa não só ligada à realidade, mas também sabendo lidar com sua condição, Djanira assim se expressou quando li, a seu pedido, a poesia “O Tempo” de Olavo Bilac: “Não há como se fugir do tempo, ele vem de qualquer jeito. Eu sou o tempo que passa, que passa...” (setembro 2002).

Djanira era viúva há mais de trinta anos, teve seis filhos, quatro homens e duas mulheres, dezessete netos e vinte e cinco bisnetos. Inicialmente, assim se referiu à família: “Minha família tem muitas flores. Eu gosto das flores. Luiza é uma flor (sua neta). Gabriela é uma florzinha” (sua bisneta).

No início do processo terapêutico, sua linguagem era mais reservada, contida e ela se restringia a usar a metáfora do jardim para se comunicar comigo.

Seguindo o uso dos elementos do jardim, propus a Djanira montarmos a árvore de sua família e ela foi me dizendo, nome por nome, quais eram seus filhos, netos e bisnetos, sem esquecer sequer um nome. Mais tarde conversando com seus filhos, nem mesmo eles sabiam os nomes de todos os membros da família.

Posteriormente, assim ela se expressou com relação à família:

Eu tive seis filhos. Seis filhos não é brincadeira. Hoje ninguém tem.  
Eu tenho as minhas falhas, mas encaminhei todos os filhos. Todos são muito inteligentes. Eu gosto que eles se gostem. Família unida, um adoce todo mundo fica alerta. Se um entra em dificuldade, o outro acode. O pai deles foi muito bom pai. Eles falam do pai com carinho.  
(novembro 2002)

Ao ver a árvore de sua família concluída, disse emocionada: “Que árvore enorme! Como eu e Gilberto demos frutos. Foram todos feitos com muito amor.”

Na busca de encontrar sua forma pessoal de expressão, tentei fazer uso da pintura, desenho, colagem e dobradura. Com a minha parceria, e objetivando minimizar suas

dificuldades motoras, realizamos alguns poucos trabalhos. Aproveitando a criação de um trabalho de dobradura feito a quatro mãos, assim ela se expressou:

Uma flor feita a duas e não a dois, para valorizar a mulher. É preciso. Ah! A mulher era um peso morto, até encontrar uma mais cabeluda. Eu fui uma delas. Não deixava ninguém me passar para trás. Eu tinha minha segurança. Trabalhei e tinha meu dinheirinho. Ele já sabia. A mulher hoje é mais independente. Elas estão botando os homens pra trás, mas eles estão aproveitando. (outubro 2002).

Nesta colocação feita por ela, senti que juntas já formávamos uma parceria, do quanto ela estava consciente das mudanças do papel da mulher e o quanto ela se percebia, já em 1930, com vinte anos, como uma mulher que lutava para ser independente. Certa vez, se referiu à sua mãe, dizendo: “Antigamente a mulher não precisava estudar. Para que? Para escrever carta para o namorado? Antigamente a mulher era escrava. Hoje elas estão mais sábias do que os homens”.

Uma das características de Djanira era a sua forma de se comunicar com o meio à sua volta, ela não só se relacionava com seus familiares, empregadas, amigos, mas também usufruía e trocava informações, assistia ao jornal pela televisão e opinava, criticava os costumes, demonstrava suas dúvidas.

Com Bilac, seu poeta preferido, ela escolhia os versos que desejava que eu lesse para ela. Certa vez, lendo “O coração” num dos trechos onde ele diz: “o coração tem dois quartos. Nele moram sem se ver, num a dor, no outro o prazer”, ela assim a ele respondeu: “É uma verdade. Na minha vida acho que um compensou o outro. Meu coração não tem peso. Mágoa dos outros, não tenho”.

Ainda sobre as coisas do coração, quando falava sobre as limitações que a levavam a depender muito das enfermeiras, assim ela se expressou: “O coração é um órgão delicado. Ele sente tudo que se passa em volta. Como ele bate, se agita. Até no olhar, ele sente”.

Em razão da rara sensibilidade que possuía, Djanira se adaptou facilmente ao trabalho com a arte, sempre demonstrando curiosidade e disposição, tanto para a literatura, quanto para a música, pintura. Gostava muito da natureza, das suas plantas, principalmente de uma samambaia chorona que caía de um suporte alto, na sala onde eu a atendia. De um verde intenso, ela devia ter quase três metros de altura. Ela dizia:

Na minha samambaia, ninguém toca. Ela é da Fazenda. Da Fazenda para aqui tem vinte anos. Tenho muito carinho com ela. Ganhei com três folhinhas só. As folhinhas vão esticando, esticando, e depois morrem. Chega na época da brotação, brota tudo. ( novembro 2002)

Nas suas expressões verbais, os sentimentos positivos sempre apareciam, e onde havia o término de algo, sempre havia também o reinício, como a morte das folhas e a sua seguinte brotação.

Com relação à perda do filho, contrapunha a sua partida ao nascimento de uma das bisnetas, dizendo: “é a vida, uns morrem, outros nascem”.

A samambaia levou-a às lembranças do seu tempo na Fazenda. Na época, fizemos uso do livro “Memória e Sociedade” de Ecléa Bosi, onde a autora traz algumas histórias de vida de idosos que viveram em Fazenda e isto ajudou muito a Djanira a identificar-se com suas experiências. Às vezes, uma frase da história lida bastava para suscitar-lhe a memória e iniciar sua fala. Dizia ela: “Eu tenho muita saudade da roça. Na Fazenda tinha uma área cercada de jardim. Eu falava: Cuidado! Cuidado! Não bote quebranto nas minhas flores. Os passarinhos pousavam na janela e todos os dias faziam ninhos. Como eles cantam!”

É interessante notar que, mesmo falando do passado, quando ela fala do canto dos passarinhos, ela se refere ao momento presente e em seguida traz uma fala que remete a este tempo, quando diz: “Aqui perto da minha janela tem uma árvore e às vezes eu ouço os passarinhos cantarem. Geralmente é de manhã cedo”. Djanira transitava do passado para o presente com a mesma nitidez e intensidade expressas na riqueza de detalhes.

Para Ciornai(1995, citado por Arcuri,2004) existe uma atemporalidade psíquica que pode ser mediada pela arte.

Diz-nos ele:

A atividade artística vai nos proporcionar linguagens mais afinadas à natureza de nossas experiências internas [muitas vezes] ainda não traduzíveis em palavras(...)Por outro lado, por não implicar a linearidade causal lógica, temporal e espacial que a estrutura léxica, sintática da linguagem verbal nos impõe, as linguagens plásticas, poéticas, musicais, etc, podem ser mais adequadas à elaboração e à expressão daquilo que é nebuloso ou que é complexo e implica em uma apreensão simultânea de várias faltas e níveis de significados. E esta, em geral, é a qualidade do que se passa em nossa intimidade psíquica – um mundo de percepções e sensações concomitantes, pensamentos, fantasias, sonhos e visões que não respeitam a ordenação lógica e temporal da linguagem. A arte vai prover, portanto, a possibilidade de ampliação da consciência sobre estes “fenômenos internos” (p.21).

Durante o tempo em que ela reviveu seus anos na Fazenda, buscamos encontrar alguma obra literária que ela gostaria de voltar a ler e ela escolheu “O Tronco do Ipê” de José da Alencar.

Na época ela disse:

Eu vivi trinta e cinco anos na Fazenda. Eu sei daquele povo. Eu estou gostando de ler “O tronco do Ipê”. Eu me lembro do tempo da minha mãe

que falava dos escravos. Quando casou levou alguns escravos. Quando houve a Lei da Abolição meu pai tinha comprado duas escravas. Quando tiveram a liberdade, foram embora. Depois voltaram porque viram que tinham casa, comida e roupa. Todos os do meu pai voltaram. O livro conta o que os escravos faziam, me lembra muito os tempos passados. (dezembro 2002)

Ainda sobre o seu tempo de Fazenda ela dizia:

Eu ajudei muita gente. Dava assistência aos empregados. Eles iam ao médico em Venda das Pedras e o que o médico receitava eles diziam: O senhor pode deixar, eu pergunto à D. Djanira. O que eu dizia é que valia. Eles pensavam que eu era doutora. Falavam: A senhora diz coisas muito certas. Eu só não tinha o título. Eu misturava tintura de camomila, nosvômica, elixir paregórico. E como funcionava! Quem cria seis filhos cria uma experiência. (dezembro 2002)

De seus afazeres na Fazenda, gostava de dizer:

Eu fazia doce de laranja da terra. Depois de cozida, passava em calda grossa e botava no sol pra secar. Depois botava numa lata e durava anos. O Brasil é muito rico de frutas. Hoje não posso mais comer doce, mas o doce que eu como me satisfaz completamente. Ensinei muito às empregadas a fazer os serviços. Hoje eu estou só colhendo. Como plantei! (dezembro 2002)

Em sua vida na Fazenda, Djanira ajudava ao marido alfabetizando os filhos dos duzentos empregados que nela trabalhavam.

Para Djanira, cada figura escolhida para compor o seu jardim ia dando a ela a dimensão da riqueza de suas experiências passadas e do valor que possuía como pessoa, tanto como dona da Fazenda, professora, esposa e mãe.

Sobre sua época de estudos, dizia:

Eu era uma das melhores na Escola. Estudei no Grupo Menezes Vieira e depois José Bonifácio. Aos dezoito anos me formei. Eu ensinava, ensinei muito a toda empregada analfabeta, aos filhos dos empregados da Fazenda e era uma dificuldade. A vida é uma colaboração. (dezembro de 2002)

A utilização dos relatos de Djanira e das gravuras que apresentavam algum aspecto identificado com o conteúdo do que era trazido, quando eram vistos no seu “Jardim” causavam a ela um sentimento de valorização que sempre era expresso de forma positiva. Dizia ela: Eu já fiz tudo muito! E seus olhos sorriam, tendo orgulho de si mesma.

A busca de materiais que pudessem expressar suas experiências foi cuidadosamente pesquisado e despertavam nela uma abertura para a imaginação, para reviver, através da imagem, cenas que pudessem trazer-lhe algum resgate de sua vida.

No salão de seu apartamento, gostava de mostrar os belos quadros de tapeçaria feitos por ela. A eles, assim se referia: “Quanta coisa eu tenho armazenada. Fico olhando para as minhas obras. O quadro está ali vivo e será vivo por muitos anos. A Santa Ceia eu fiz com uns cinqüenta anos. Fiz muitos quadros para os meus filhos.”

Djanira falava sobre a permanência dos objetos e a vulnerabilidade do homem, referindo-se ao fato do homem viver menos do que as coisas. Quando referiu-se ao filho que havia falecido, disse ter lamentado, pois ele ainda tinha muito para viver.

Ao falar de suas lembranças de infância, se referia a elas como “recordações de uma vida bem vivida”. Dizia:

Hoje as meninas não brincam mais. Eu sempre arrumava amiga para um rodopio, esconde-esconde. Hoje ninguém brinca disso, nem tem espaço. Bento que bento eu frade, na boca do fogo tirar um bolo. Pulei muita amarelinha. (dezembro, 2002)

Cada encontro com Djanira significava um momento de recriação, de reconstrução de sua vida passada, onde aspectos psíquicos, sociais e existenciais eram desvelados com vivacidade.

Como a dimensão do passado é muito importante para o idoso, principalmente na idade avançada de Djanira, era como se a cada vez que tecíamos mais uma página do seu jardim, ela tivesse a possibilidade de revive-lo com intensidade e beleza. Certa vez, enquanto ouvíamos cantigas de roda ela me disse:

Eu me lembro de uma música assim:

O pinheiro geme, geme de dor ante o punhal do lenhador. Eu tinha uns quinze anos. Mas que memória eu tenho! Eu queria sonhar muito com o passado. Reviver, recordar! Como a gente sente tudo. Quando recorda, sente saudade. (fevereiro 2003)

Ainda sobre a adolescência, ela se lembrava:

Eu era mocinha, tinha uns quinze anos. Tinha dois clubes que viviam disputando o lugar, um do outro. O Mimoso Manacá e a Mimosa Violeta. Eu espiava do lado de fora. Só com vinte e um anos podia entrar. Minha mãe não deixava. A gente podia enganar, porque eles não pediam nada para entrar, mas a gente ficava olhando de fora. (março 2003)

Poucas vezes Djanira expressou cansaço e ele se referia mais ao seu estado físico, em função de suas limitações, e sua dependência dos outros. Não gostava de ocupar as pessoas à sua volta. Sua personalidade dinâmica sentia-se, por vezes, desconfortável.

Em meu trabalho com Djanira, o seu espaço físico também era utilizado como instrumento para levá-la a se expressar. Certa vez, encontrei uma imagem de Nossa Senhora da Paz numa das mesinhas da sala onde eu a atendia e usei-a como estímulo para que falasse de sua religiosidade, e assim ela se expressou:

Uma oração vale muito. Eu rezo o Pai Nosso, Ave-Maria, Creio em Deus Padre, Salve-Rainha. Uma vez eu estava muito preocupada e fui à Porciúncula acender uma vela. Lá eu ganhei uma oração de uma velhinha. Eu guardei e todo ano eu faço esta novena para Nossa Senhora Santa Imaculada Conceição. Quando a gente ora parece que recebe um benefício

na hora. Deus protege e espanta os maus espíritos. Desde o princípio do mundo existiu Caim e Abel. (março de 2003)

Ainda sobre a sua visão religiosa dizia: “Nós não viemos aqui para sofrer. Viemos para ter uma vida melhor. Nós temos que fazer por onde.”

Sua visão positiva proporcionava à Djanira um envelhecimento com qualidade de vida, pois esta mantinha comportamentos muito saudáveis e apesar de sua pouca autonomia física, mantinha total independência na sua forma de pensar e sentir. Morava sozinha por determinação própria. Mantinha suas empregadas, enfermeiras e outros profissionais que a assistiam e acompanhava os pagamentos de todos eles. Participava de todos os movimentos de sua casa.

Em maio de 2004, senti que Djanira já demonstrava os primeiros sinais de que já tinha condições de seguir sozinha sua caminhada existencial. O maior indicador de que o momento da alta já se fazia presente era o bem-estar que ela apresentava e o auto-conceito positivo que ela resgatara em nosso trabalho. Voltara a sair acompanhada de sua enfermeira e em um dos meus últimos encontros com ela, esta estava muito feliz e disse-me:

Eu hoje sai e gostei de ver a beleza do Campo de São Bento. As árvores, eu conheci pequenas. Agora estão enormes, estão tão frescas: é o pulmão de Niterói. Eu vi estas árvores em arbustos. Quando eu tinha meus filhos pequenos, já tinha o parquinho, os cavalinhos. Meus filhos eram pequenos. São coisas que não morrem. Mas caem folhas a toda hora... (maio de 2004)

Djanira falava de sua finitude através da natureza, da dor do pinheiro sendo ceifado pelo machado, pelas folhas que caem, e tinha consciência plena de sua idade, sentindo-se preparada, assim como a natureza, para se deixar ceifar. Para ela, a morte fazia parte da vida, era um eterno ciclo de início e fim. Ao mesmo tempo em que era testemunha da passagem do tempo, ela se sentia ainda disposta, respirando a vida.

Trabalhando no processo terapêutico centrado na pessoa há mais de quinze anos, tive a oportunidade de reconhecer uma vez mais a tendência atualizante do potencial para o crescimento que o ser humano carrega dentro de si. Djanira foi um exemplo de uma pessoa consciente, livre, auto-realizada e plena.

Em um dos momentos em que falava da maneira como gostava de viver, ouvi de Djanira o seguinte: “Eu tenho muito amor para dar ainda.” (janeiro 2004)

E na passagem do ano, quando perguntei a ela o que desejava para 2004, ela respondeu-me: “Eu peço para 2004 que eu continue a ser o que sou. Agradeço a Deus o que Ele me deu. A gente não pode chegar nem na metade do que Ele é”.

Em seus depoimentos, Djanira deixava claro sua transparência como pessoa. O que ela comunicava e o que ela percebia a respeito de suas experiências eram uma coisa só. A isto,

Rogers (1961) chama de congruência, ou seja quando não há discrepância entre o tomar consciência e a experiência em si.

Fechando este trabalho, retomo ao início do processo terapêutico de Djanira, quando esta me disse sobre a necessidade de luz da primeira flor que colocou em seu jardim. Dias antes de sua alta, ela falou-me: “conheço o sol porque ele entra por dentro da sala. Eu aproveito os dias de calor e os do inverno. Eu aproveito como eu ainda posso.” (abril de 2004)

Nesse dia percebi que a função do processo terapêutico já havia sido alcançada: Djanira era o próprio sol. Era hora de partir. Juntas decidimos o término. A respeito do seu jardim, disse-me: “Vai ser bom quando eu quiser lembrar quem eu sou”. E, mais uma vez, percebi o quanto ela estava viva, quando se referiu ao tempo presente e não ao passado.

Diz Ballone (2004) o equilíbrio psíquico do idoso depende, basicamente, de sua capacidade de adaptação à sua existência presente e passada e das condições da realidade que o cercam. Djanira demonstrou apresentar esta capacidade de se adaptar, pois falava tanto do presente quanto do passado de forma confortável.

Os recursos expressivos utilizados no processo terapêutico de Djanira propiciaram-lhe maior fluência em relação ao seu próprio eu, dando-lhe a possibilidade de reviver sentimentos passados e presentes, expor seus pensamentos e construtos pessoais, resultando numa reafirmação de seu auto-conceito e aumento de sua auto-estima através da reconstrução de sua trajetória existencial.

O processo terapêutico de Djanira mostrou-me, mais uma vez, que o ser humano possui um potencial que não se esgota, e mesmo que o tempo avance, sempre haverá o momento certo para a infinita beleza do ser expressar-se.

O ano de 2006 ensaiava seus primeiros dias quando Djanira alçou seu vôo maior em busca da Luz. Deixou-nos, com a generosidade que lhe era peculiar, o seu Jardim vivo, tão vivo como se ela ainda estivesse aqui.

Como terapeuta, agradeço o privilégio de ter em minha bagagem profissional e pessoal a lembrança de um ser humano tão extremamente rico e sensível como Djanira.

A ela, é dedicado este trabalho.

Referências Bibliográficas:

ARCURI, I. **Arteterapia de corpo e alma**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BALLONE, G. J. **Alterações emocionais no envelhecimento**, in. PsiqWeb, Internet, disponível em [www.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br), revisto em 2004.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FELDMAN, C. **Encontro –Uma abordagem humanista**. Minas Gerais: Crescer, 2004.

FERNANDES, W.; SVARTMAN, B.; FERNANDES, B. **Grupos e configurações vinculares**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

JORDÃO, M. Oficinas em aconselhamento: um processo em andamento. In: MORATO, H. et al. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, Cap. 19. p.325.

ROGERS, C. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

URRUTIGARAY, M. **Arteterapia – A transformação pessoal pelas imagens**, São Paulo: Wak Editora, 2003.

## Montando o Jardim de Djanira: a utilização de recursos expressivos na terapia centrada na pessoa de idade avançada

